

DE CAMINHA A IRACEMA: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE A MULHER INDÍGENA BRASILEIRAHELEN VANESSA
SILVA LOPES¹**FROM CAMINHA TO IRACEMA: EFFECTS OF MEANING ABOUT THE BRAZILIAN INDIGENOUS WOMEN**VANDILMA SOUSA AGUIAR²MARCELO NICOMEDES DOS
REIS SILVA FILHO³

Resumo: O discurso produzido a respeito do sujeito indígena, presente na fase do Romantismo ufanista, funciona por meio da repetição de dizeres anteriores. Assim, surgiu o seguinte questionamento: como as séries de repetições, na prática discursiva sobre a mulher indígena brasileira, se constituem no romance *Iracema*? Para responder a essa indagação, objetiva-se analisar como a memória discursiva, responsável pela formulação de dizeres sobre a mulher indígena, é construída na obra literária *Iracema* por meio das repetições do discurso presente na chamada “Carta de Descobrimento do Brasil”. Pretende-se observar os discursos referentes à mulher indígena contidos na obra de José de Alencar, contrapondo-a à carta de Pero Vaz de Caminha, a fim de analisar os efeitos de sentido produzidos no *corpus* selecionado. A metodologia que norteia esta produção é a Análise do Discurso de linha francesa. O arcabouço teórico apoia-se em Pêcheux (1995), Althusser (1970), Indursky (2011), Orlandi (1984, 1998, 2008, 2010, 2015), entre outros. Com base nessas pesquisas, observa-se o funcionamento da memória discursiva que, por meio das repetições ao longo dos anos, manteve ou ressignificou os dizeres produzidos a respeito do sujeito indígena feminino.

Palavras-chave: análise do discurso; carta de Pero Vaz de Caminha; *Iracema*.

Abstract: The discourse about the indigenous subject produced in the nationalist Romanticism period operates through the repetition of previous statements. This study addresses the following question: how are the series of repetitions in the discursive practice about the Brazilian indigenous woman constituted in the novel *Iracema*? The objective is to analyze how discursive memory, responsible for shaping statements about the indigenous woman, is constructed in *Iracema* through repetitions of the discourse present in the so-called “Letter of Discovery of Brazil”. The research examines the discourses concerning the indigenous woman in José de Alencar’s *Iracema*, contrasting them with the letter by Pero Vaz de Caminha, in order to analyze the effects of meaning produced in the selected corpus. The study adopts the theoretical and methodological framework of French Discourse Analysis, drawing on Pêcheux (1995), Althusser (1970), Indursky (2011), Orlandi (1984, 1998, 2008, 2010, 2015), among others. The analysis reveals how discursive memory, through repetitions over time, has either preserved or re-signified statements about the female indigenous subject.

Keywords: discourse analysis; letter by Pero Vaz de Caminha; *Iracema*.

COMO CITAR: LOPES, Helen Vanessa Silva; AGUIAR, Vandilma Sousa; SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis. De Caminha a Iracema: efeitos de sentido sobre a mulher indígena brasileira. **Boitató**, Londrina, v. 20, n. 40, p. 1-10, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e52421

1 Graduanda do curso de Letras/Libras na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: helen.vanessa@discente.ufma.br; ORCID: 0009-0008-4380-1410.

2 Graduanda do curso de Letras/Libras na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: vs.aguiar@discente.ufma.br; ORCID: 0009-0004-5329-2729.

3 Doutor em Letras, Linguagem e Sociedade. Professor adjunto de Letras/Libras na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marcelo.nicomedes@ufma.br; ORCID: 0000-0002-9715-2099.

INTRODUÇÃO

A imagem construída a respeito dos sujeitos indígenas, que até os dias atuais é lida nas literaturas românticas, e que coloca esse sujeito como herói nacional, iniciou-se a partir dos primeiros dizeres produzidos sobre esses povos nas cartas quinhentistas, que descreveram com riqueza de detalhes a Terra de Vera Cruz e aqueles que aqui se encontravam.

Esta produção teve sua gênese na disciplina História e Cultura Africana e Indígena, do curso de Letras/Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), ocasião em que se teve a oportunidade de conhecer, por intermédio da exposição do docente, o conteúdo a ser ministrado. Nessa circunstância, foi sugerido que a turma assistisse ao filme *1492: A Conquista do Paraíso* e, como resultado, elaborasse uma análise da obra cinematográfica como uma das atividades da disciplina.

Essa análise possibilitou discussões acerca dos diversos momentos em que os relatos sobre a nova terra foram redigidos nas cartas enviadas à Coroa, culminando em reflexões sobre se – e de que forma – o discurso colonizador é repetido em produções literárias que o sucedem. Essas indagações conduziram à literatura romântica e ao discurso de formação do Brasil como nação, bem como à construção de sua identidade, na qual o sujeito indígena figura como herói literário, com o objetivo de verificar as raízes do discurso reproduzido nesse movimento.

Diante dessas memórias, veio à tona o livro *Iracema*, de José de Alencar, considerado um marco na literatura brasileira e frequentemente indicado como leitura em escolas e universidades. Ao rememorar essa obra, surgiu a curiosidade de compreender quais sentidos permeiam a protagonista indígena. Assim, emergiu a escolha pela análise do romance.

Ao refletir sobre a construção dessas memórias, afloram questionamentos a respeito de sua gênese, visto que, muitas vezes, a expressão popular “a primeira impressão é a que fica” é repetida em diálogos informais. Tal afirmação, contudo, adquire relevância ao suscitar a reflexão sobre a forma como essa “primeira impressão” se perpetua, especialmente no que diz respeito às formulações que constroem a história dos povos originários do Brasil. É justamente sobre essas inquietações que a Análise do Discurso (AD) se debruça, ao perscrutar os funcionamentos discursivos e verificar como estes se materializam na memória coletiva.

Com base nos fundamentos fornecidos pela AD, propõe-se a seguinte indagação: como as séries de repetições se constituem na prática discursiva sobre a mulher indígena brasileira no romance *Iracema*? Para responder a esse dilema, objetiva-se analisar como a memória discursiva, responsável pela formulação de dizeres sobre a mulher indígena, é construída na obra literária *Iracema*, por meio das repetições do discurso presente na Carta de Descobrimento do Brasil.

Pretende-se, assim, observar os discursos a respeito da mulher indígena contidos em duas sequências discursivas (SD), definidas por Courtine (2009, p. 55) como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, observando que outras formas materiais, como a imagem, também podem constituir uma SD. Essas sequências foram extraídas da obra *Iracema*, de José de Alencar, contrapondo-as a um recorte da carta de Pero Vaz de Caminha, de forma a compreender as formações discursivas e ideológicas e analisar os efeitos de sentido produzidos no *corpus* selecionado.

Este artigo organiza-se da seguinte maneira: introdução – na qual são apresentados o tema, a pergunta discursiva, os objetivos, a metodologia e os principais resultados; em seguida, elencam-se os principais conceitos da AD que serão discutidos; na sequência, abordam-se os

recortes do livro *Iracema* e da carta; posteriormente, realiza-se a análise dos recortes; e, por fim, apresentam-se as considerações finais, que destacam as principais percepções sobre a temática.

METODOLOGIA

A metodologia a ser empregada nesta pesquisa detalhará os passos da análise proposta. A análise será realizada considerando as particularidades apresentadas no objeto de estudo, a partir dos recortes retirados da obra *Iracema*. No que tange aos recortes, cabe destacar o que Orlandi (1984, p. 14) afirma sobre a temática: “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos relacionados de linguagem e situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”.

Diante da extensão da obra que compõe o *corpus* da pesquisa e da inviabilidade de analisá-la integralmente, serão extraídos dois fragmentos de *Iracema* para serem analisados e pareados à *Carta de Descobrimento do Brasil*. A análise não considerará a linearidade textual, mas sim o texto como processo de significação, com suas múltiplas possibilidades de interpretação, construção e incompletude de sentidos, como propõe a AD. Serão contempladas as seguintes categorias da Análise do Discurso Materialista: sujeito, condições de produção e formações discursivas; o processo dual de funcionamento da linguagem – paráfrase e polissemia –, a memória e os efeitos de sentido que atravessam o sujeito mulher indígena, tal como composta nessas duas materialidades discursivas presentes na obra *Iracema* e em um recorte da carta escrita por Pero Vaz de Caminha.

O arcabouço teórico apoia-se nos escritos de Pêcheux (1995), Althusser (1970), Indursky (2011), Orlandi (1984, 1998, 2008, 2010, 2015), Alencar (1991) e Caminha (1500), entre outros, visando compreender como as condições de produção, as formações discursivas, a paráfrase e a polissemia, bem como a memória discursiva, reverberam sentidos que, ao longo da história, foram construídos e atravessam a representação da mulher indígena no contexto literário romântico.

Conceitos

Antes de adentrar à obra e à análise, é necessário compreender alguns conceitos que serão aplicados e discutidos no decorrer desta produção. Por tratar-se da AD, o presente trabalho não versará sobre o indivíduo, mas sim sobre o sujeito. “Acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos” (Althusser, 1970, p. 94).

Essa afirmação evidencia a noção de ideologia como elemento cuja função é constituir o sujeito. A ideologia, segundo o autor, refere-se ao “[...] sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (Althusser, 1970, p. 69). Para a AD, o sujeito desde sempre é sujeito, pois está permanentemente interpelado pela ideologia.

Assim, desde o momento em que o indivíduo deixa de sê-lo e torna-se sujeito ao passar pelo processo de interpelação, não pode, em momento algum, voltar à condição de indivíduo. Esse processo é incessante e anterior à consciência de ser, ou seja, o indivíduo encontra-se sempre na posição de sujeito. Pode-se afirmar, então, que as noções de sujeito e ideologia são intrínsecas, atuando uma sobre a outra.

Além disso, todo discurso reproduzido pelo sujeito é oriundo da ideologia que o interpela, resultado de um processo inconsciente no qual o sujeito desconhece as origens de seus dizeres, passando pelo processo de esquecimento, no qual ocorre “[...] a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentis” (Orlandi, 2010, p. 35).

Esses funcionamentos discursivos decorrem da memória discursiva, a qual, segundo Indursky (2011, p. 68),

Pensava-se sobre memória, mas sob outras designações, como, por exemplo, repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscurso. [...] Todas remetem, de uma forma ou de outra, à noção de memória. Mais exatamente, trata-se de diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso.

Dessa forma, a memória é responsável pelo funcionamento do discurso que ocorre pela repetição do pré-construído, que Pêcheux (1995, p. 164) explica como “[...] o pré-construído corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece e impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade”.

Portanto, todo discurso que o sujeito pensa criar é, na realidade, a repetição discursiva em funcionamento pela memória, que atua por meio da interpelação e do esquecimento – visto que, mesmo reproduzindo o discurso de outrem, o sujeito mantém a ilusão de originalidade.

Todo discurso produzido pelo sujeito e que circula na macroestrutura socio-histórica e ideológica apoia-se no processo dual de funcionamento da linguagem, que a AD denomina de paráfrase e polissemia. Os dizeres são continuamente trabalhados por meio dessas duas forças:

- Polissemia (*o novo, o diferente*): processo de instauração da multiplicidade de sentidos.
- Paráfrase (*o mesmo, o dado*): processo pelo qual se procura manter o sentido igual, embora expresso de diferentes formas (Orlandi, 1984, p. 11).

Os discursos estão sempre sendo produzidos nessa relação dinâmica, imersos em determinadas condições de produção. Ao refletir sobre o discurso do sujeito, é igualmente importante considerar as condições de produção, que, conforme Orlandi (2010, p. 13),

As condições de produção incluem os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito, ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo.

Em conjunto às condições de produção, encontram-se as formações discursivas, que, segundo Orlandi (2010, p. 17), são “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito”.

Ou seja, dentro de um contexto histórico e situacional, o sujeito é interpelado pela ideologia, que determina seus dizeres, resultando em uma formação discursiva diretamente vinculada às condições de produção em que se encontra.

A índia dos lábios de mel

A recém-liberta nação brasileira, durante o século XIX, aspirando reafirmar a sua autonomia política, econômica e social, encontrou no também recente movimento artístico – e principalmente literário – do Romantismo a oportunidade de distinguir-se. Nessas circunstâncias, o nacionalismo advindo desse movimento permitiu à jovem pátria exaltar

as suas particularidades, desvinculando-se dos modelos europeus. O primeiro esforço para alcançar esse objetivo consistia na delimitação de um herói nacional próprio:

Com efeito, quando da emancipação política do Brasil, os seus protagonistas (os 'brancos nacionais') sentiam-se humilhados pelo conquistador português (branco), ao mesmo tempo que só podiam nutrir desprezo pelos escravos negros, restando-lhes, finalmente, o índio fugitivo e autóctone como única referência identitária própria, que não hesitaram em transformar no símbolo mais expressivo da terra e da nacionalidade (Guimarães, 2002, p. 127).

Dessa forma, não podendo se valer da figura do homem branco e repetir os discursos de outra nação, os sujeitos interpelados pelo discurso de formação identitária que movia as produções, conforme Guimarães (2002), voltaram-se para a formação discursiva com foco na presença do sujeito indígena e na riqueza das florestas brasileiras que o acolhiam como lar.

Com poemas e romances cuja formação discursiva idealizava a exuberância natural do país e as qualidades de seu símbolo heroico, obras como *Iracema*, de José de Alencar, recompunham o retrato do discurso dominante no movimento literário deste período, conhecido como a Primeira Geração do Romantismo Brasileiro.

A obra apresenta, de forma subjetiva e idealizada, a história da bela indígena tabajara Iracema, guardiã do segredo da jurema — bebida sagrada —, que se apaixona por seu colonizador Martim e quebra o voto de castidade decorrente de sua posição sagrada, compartilhando com ele o ritual da jurema.

Ao trair seu povo, Iracema foge com Martim para a terra dos pitiguaras, levando os dois povos rivais ao conflito. A tribo rival vence a batalha; no entanto, mesmo diante da derrota dos tabajaras, a jovem indígena continua a acompanhar o guerreiro branco. Da paixão de Iracema nasce seu filho Moacir. Repleta de infortúnios e sofrimentos, a mãe perde a vida, deixando o filho nos braços do pai, como confirma o trecho: “Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica se lhe arrancam o bulbo” (Alencar, 1991, p. 71).

Todos os discursos produzidos a respeito da mulher indígena ocorrem por meio da idealização de suas qualidades, frequentemente descritas com minúcia, como no enunciado: “Os guerreiros pitiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam a essa lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã” (Alencar, 1991, p. 52).

Além disso, há a justaposição da mulher indígena aos elementos naturais como recurso para exaltar ambos, utilizando um para valorizar o outro, como no trecho: “Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara” (Alencar, 1991, p. 5).

Para além da motivação histórica presente na escolha dos personagens, essa obra aponta para a metáfora de um processo igualmente histórico: “Alencar pôs-se, por meio da história, a discutir o nascimento de um povo. Ao construir uma narrativa, criou vida e fundou um todo humano. Com o mito, eternizou o evento na metáfora do fruto do amor de dois diferentes” (Leal, 2012, p. 69).

O discurso presente nesses dizeres expressa os prejuízos causados pelo sujeito europeu à terra “descoberta” e os frutos dessa maculação. Dessa forma, ao observar que “Organizando as letras de I-R-A-C-E-M-A em outra ordem, tem-se a palavra A-M-É-R-I-C-A. Isto é um anagrama” (Parente, 2019, p. 159), compreende-se que a América representa a terra inexplorada pelo colonizador europeu. Assim, a repetição do nome de Iracema retoma os sentidos de América, contemplada na figura da indígena.

A figura de Martim representa o colonizador; Moacir, o filho que pouco tempo após nascer perde a mãe, simboliza as consequências dessa união para o povo indígena: “Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento” (Alencar, 1991, p. 66).

Dessa forma, a obra é percebida como um acréscimo relevante a um movimento literário cujas contribuições vão além da literatura. Ao aprofundar a análise, depara-se com formações discursivas resultantes das condições de produção do contexto ufanista, que revelam camadas de significados. Esses elementos não apenas enriquecem o texto, mas também oferecem uma janela para a compreensão do contexto histórico, cultural e social em que a obra foi concebida.

No próximo tópico, será realizada uma análise detalhada do romance *Iracema*, visando destacar a complexidade e a profundidade que fazem dessa obra um marco da literatura brasileira, refletindo as interações e transformações discursivas de seu tempo.

De Caminha a Iracema

Para proceder às análises, buscando perceber aproximações e distanciamentos entre os dois textos – o romance *Iracema* e a *Carta de Descobrimento* –, parte-se do intuito de demonstrar como as séries de repetições constituem a prática discursiva sobre a mulher indígena brasileira. Considerando esses recortes, serão analisadas as formações discursivas e os mecanismos de repetição que dão suporte a determinados sentidos e representações da mulher indígena no discurso literário.

Na primeira sequência discursiva (SD1): “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado” (Alencar, 1991).

Esse recorte aponta para um processo de resistência do discurso literário romântico indianista em diferenciar-se do discurso presente no Romantismo europeu, por meio da exaltação das características que distinguem a pátria, como a idealização da figura da mulher indígena e a exuberância natural da fauna e flora brasileiras.

A filiação a essa formação discursiva é percebida no momento em que o sujeito-autor compara a protagonista indígena às riquezas naturais, destacando qualidades que remetem ao sabor e ao aroma das especiarias brasileiras – fatores que impulsionaram os colonizadores europeus a explorar essas terras –, como em “lábios de mel”, “cabelos mais negros que a asa da graúna”, “mais longos que seu talhe de palmeira”, “favo da jati não era doce como seu sorriso” e “nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”. Por meio dessa justaposição, a figura da mulher indígena investe-se das mesmas sensações e valores atribuídos às riquezas naturais.

Embora esse funcionamento discursivo sugira inovação, vinculado ao propósito de construção da identidade nacional, ele retoma o discurso colonizador, no qual o sujeito “descobridor” impõe suas primeiras impressões sobre a nova terra e seus habitantes, baseando-se na *Carta de Descobrimento*. “Alguns comentaristas até mesmo pretendem explicar o sentimento de ‘ufania’ que se depreende de tantos autores brasileiros do período romântico como uma consequência das descrições de Pêro Vaz de Caminha” (Bettencourt, 1994, p. 41).

Ao escrever ao rei D. Manuel I, Caminha descreve a nova terra e a população que aqui habitava, enfatizando características físicas e comportamentais, como no trecho: “A feição deles é serem pardos, de maneira avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-

feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto” (Caminha, 1500, p.3).

Ainda que com a intenção de valorizar e criar uma identidade nacional, Alencar retrata a mulher indígena a partir de um discurso europeu, apresentando-a não como sujeito autônomo, mas como símbolo idealizado e exotizado, reproduzindo, assim, um viés colonizador.

O que o autor pensa criar indica, na verdade, uma repetição já dita em outro momento da história por outro sujeito: “Como se vê, trata-se ainda da retomada de saberes já-ditos em outro discurso, em outro lugar e cujo eco ressoa no discurso do sujeito” (Indursky, 2011, p. 69).

Essa repetição aparece também na segunda sequência discursiva (SD2): “Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel, nem mais formosa! – murmurou o estrangeiro” (Alencar, 1991).

O sentido desse enunciado retoma dizeres encontrados na carta de Caminha: “[...] e certo era tão bem-feita [...] tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela” (Caminha, 1500, p. 5). O discurso comparativo sobre a beleza feminina não se origina nem na carta nem no romance, mas em discursos anteriores, como no texto bíblico: “Lia tinha olhos tenros, mas Raquel era de formoso semblante e formosa à vista” (Genesis, 1993, 29, 17).

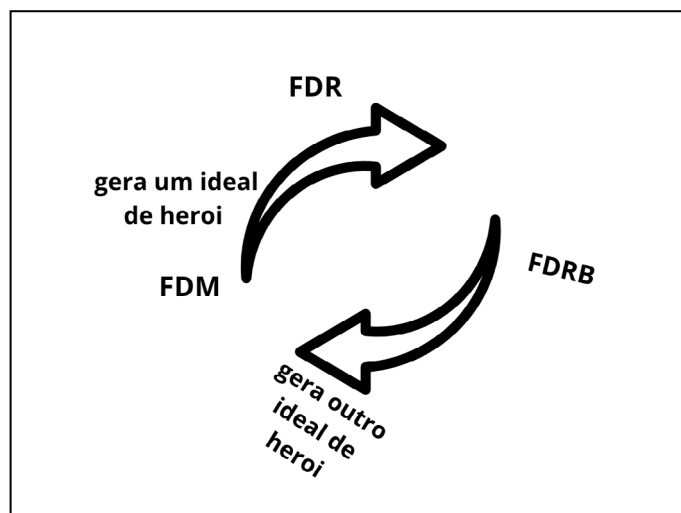
Segundo Orlandi (1998, p. 60), “[...] esses sentidos, que nem sabemos de onde vêm, falam em nós, em nosso dizer. Simplesmente porque, para que nossas palavras tenham (um) sentido, é preciso que já tenham sentido”. Para a AD, não há discurso original nem final, mas uma constante retomada de discursos pré-construídos: “Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo” (Orlandi, 2010, p. 39).

Courtine (1981, p. 52 apud Indursky, 2011, p. 72) define memória discursiva como “a existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelos aparelhos ideológicos”. Assim, o discurso romântico percorre um ciclo em que busca afastar-se do colonizador, mas retorna ao mesmo ponto. Esse fenômeno, que Orlandi chama de **paráfrase**, consiste no “retorno aos mesmos espaços do dizer” (Orlandi, 2015, p. 36).

Pode ser dito que, na tentativa de romper com a tradição europeia medieval, que tinha o cavaleiro como herói, Alencar cria o herói indígena, mas, no discurso, mantém elementos cristalizados do olhar europeu.

Para melhor compreensão, a pesquisa desenvolveu um diagrama representando o ciclo discursivo convergente entre as formações discursivas do medievalismo, do Romantismo europeu e do Romantismo brasileiro indianista (Figura 1). No entanto, mesmo com a intenção de ruptura, a construção da heroína indígena não se afasta do espaço já constituído pelo Romantismo e pela carta de Caminha.

Figura 1 – Representação das formações discursivas medievais, do Romantismo Brasileiro e Indianista



Fonte: Produzida pelos autores (2025).

Caminha descreve a mulher indígena para informar, utilizando uma linguagem clara e objetiva, adequada ao público restrito da Coroa. Já em *Iracema*, a descrição é literária e idealizada, com a finalidade de criar um símbolo nacional que correspondesse aos padrões ufanistas da época.

Assim, embora o autor seja brasileiro e proponha um projeto de construção e valorização da identidade nacional, não há ruptura quanto aos sentidos atribuídos à memória da mulher indígena. Ao contrário, há repetibilidade, ainda que com diferentes formas e sujeitos enunciadore, corroborando a ideia de que “[...] somos produzidos por uma fala que não tem um lugar, mas muitos” (Orlandi, 2008, p. 25).

Assim, a formação discursiva medieval (FDM) gera uma formação discursiva romântica (FDR); esta, por sua vez, dá origem a uma formação discursiva romântica brasileira (FDRB), que afirma romper com a FDR, mas funciona paralelamente a ela e, ao final do ciclo, acaba reproduzindo os mesmos dizeres da FDM.

Embora o processo de funcionamento da linguagem se sustente na dualidade entre contenção (paráfrase) e expansão (polissemia), destaca-se que a paráfrase é considerada a matriz do sentido, enquanto a polissemia é a fonte dos sentidos, pois o pilar dos significados encontra-se na pluralidade destes (Orlandi, 1984). Nas formações discursivas contidas na gravura acima, apesar de se manifestarem em contextos distintos, compreende-se que não existe ruptura ou deslocamento do dizível na construção da heroína brasileira, mas sim uma reiteração do dizer no espaço já constituído pelo Romantismo e pela carta.

Caminha, ao falar sobre a mulher indígena por meio da carta, descreve-a com a finalidade exclusiva de informar. Por essa razão, apresenta-se um relato sem preocupação estética literária, uma vez que a produção desse material tinha como objetivo comunicar-se com a Coroa portuguesa. Isso resultou na escolha de termos e na construção textual de modo a alcançar um público leitor muito específico, utilizando linguagem formal, clara, objetiva, direta e informativa.

Já no livro *Iracema*, a leitura que se faz dessa mulher é distinta, por tratar-se de uma obra ficcional, em que o autor descreve a personagem de forma idealizada, visando conceber um herói que representasse a nação em construção e em busca de identidade. Desse modo,

o movimento literário romântico era o responsável por ditar os padrões da época, e as produções alcançavam o público leitor com um discurso ufanista.

Enquanto, na carta, o contexto para os europeus que aqui chegaram era de descoberta, missão, surpresa e deslumbramento diante dos habitantes da terra, com a enumeração de características que tornavam vantajosa sua ocupação, para o romancista José de Alencar, o contexto era o de busca por afirmação, diferenciação e emancipação de uma nação recém-liberta dos colonizadores, que procurava, por meio do discurso literário, reafirmar sua liberdade.

Percebe-se, pela análise dos recortes do romance, que a descrição da mulher indígena é efetivada mediante a concepção do “outro”, embora o autor seja brasileiro e busque um projeto de construção e valorização, recorrendo à exaltação do herói indianista com finalidade identitária e nacionalista. Nota-se que não há ruptura no que se refere aos sentidos atribuídos à memória da mulher indígena, mas sim repetibilidade de dizeres, ainda que expressos de modos distintos e por sujeitos de nacionalidades diferentes. Como afirma Orlandi (2008, p. 25) em *Terra à Vista*: “[...] somos produzidos por uma fala que não tem um lugar, mas muitos”. E, assim, a nossa história é apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões apresentadas, constata-se a resolução do questionamento inicialmente proposto acerca de como as séries de repetições se constituem na prática discursiva sobre a mulher indígena brasileira na obra *Iracema*. Para alcançar esse desfecho, foi necessário analisar como a memória discursiva, responsável pela formulação de dizeres sobre a mulher indígena, é construída no romance por meio das repetições do discurso presente na *Carta de Descobrimento do Brasil*.

Para atingir os objetivos estabelecidos, observaram-se os discursos sobre a mulher indígena contidos na obra *Iracema*, de José de Alencar, contrapondo-os aos relatos de achamento do Brasil redigidos por Pero Vaz de Caminha, com o intuito de compreender as formações discursivas e ideológicas e analisar os efeitos de sentido produzidos no corpus selecionado.

Os resultados indicam que, embora a obra *Iracema* represente o esforço de se distanciar do discurso europeu por meio da exaltação de elementos próprios da nação brasileira, as produções ufanistas acabam por reproduzir o discurso presente na carta de Caminha. Este documento expressa as primeiras construções discursivas sobre o povo indígena formuladas pelos colonizadores, das quais o movimento romântico procurava se afastar.

Assim, confirma-se que não há ruptura efetiva na construção discursiva da imagem da mulher indígena, mas sim a manutenção — ainda que ressignificada — de sentidos cristalizados, que atravessam diferentes épocas, gêneros discursivos e posições ideológicas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1970.

BETTENCOURT, Lúcia. Cartas brasileiras: visão e revisão dos índios. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 21–275.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1500. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

GENESIS. In: BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

GUIMARÃES, José Marques. A origem do nativismo no Brasil. **Interações: Sociedade e as Novas Modernidades**, Coimbra, v. 2, n. 2, p. 124–136, 2002. Disponível em: <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/36>. Acesso em: 20 jun. 2024.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011. p. 67–89.

LEAL, Tito Barros. Iracema, para além das expectativas. Ficcionalização da História em José de Alencar. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, v. 4, n. 7, p. 60–71, 2012. DOI: <https://doi.org/10.63595/rbhcs.v4i7.10466>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Segmentar ou recortar**. Minas Gerais: [s. n.], 1984. p. 9–26 (Série estudos, v. 10).

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do não sentido e do sem sentido. In: JUNQUEIRA FILHO, Luiz Carlos Uchôa (org.). **Silêncios e luzes: sobre a experiência psíquica do vazio e da forma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 57–66.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; RODRIGUES, Susy Laguzzi (org.). **Introdução à ciência da linguagem: discurso e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PARENTE, Tiago Coutinho. **Iracema, horizonte de memórias do mito incessante**. 2019. 231f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. DOI: <http://hdl.handle.net/unirio/12843>.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RECEBIDO EM: 01/03/2025 | ACEITO EM: 31/07/2025